

Projetos coparticipados em Educação de Infância: A autonomia e a liberdade através da metodologia de trabalho de projeto

Rita Leal¹

Joana Freitas-Luís²

Resumo

Visando compreender a forma como é percebida a metodologia de trabalho de projeto (MTP) na educação de infância e o seu impacto na autonomia e liberdade das crianças, descrevem-se e analisam-se oito projetos vividos em contextos de prática pedagógica do Mestrado em Educação Pré-Escolar do Instituto Politécnico de Leiria. A análise documental efetuada aos relatórios de prática de ensino supervisionada, onde se apresentam os projetos, aponta para a pertinência da MTP como espaço para a (re)construção de uma visão de criança ativa, curiosa, com iniciativa e vontade própria, capaz de tomar decisões e de participar nos seus processos de aprendizagem e de vida, construindo conhecimento de forma autónoma, holística e integrada.

Palavras-chave

autonomia, educação de infância, liberdade, metodologia de trabalho de projeto

Abstract

With the aim to understand how the project-based work methodology (MTP) is perceived in early childhood education and its impact on children's autonomy and freedom, eight projects are described and analyzed, experienced in pedagogical practice contexts of the Masters in Preschool Education at the Institute Polytechnic of Leiria. The documental analysis carried out on the reports of practice shows the relevance of MTP as a space for the (re)construction of a vision of an active, curious child, with initiative and free will, able to make decisions and to participate in their learning and life processes, building knowledge in an autonomous, holistic, and integrated manner.

Keywords

autonomy, early childhood education, freedom, project work methodology

Introdução

1 CI&DEI, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, rita.leal@ipleiria.pt

2 Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, joana.luis@ipleiria.pt

A metodologia de trabalho de projeto (MTP) surge, no contexto de educação de infância (EI), como uma opção pedagógica, com intencionalidade educativa, que se sustenta numa visão integrada dos processos de desenvolvimento e formação e de ação socioeducativa que potencializa aprendizagens participativas e significativas. Trabalhar (e aprender) numa lógica de projeto é compreender como vivem as pessoas e as comunidades, é conhecer as múltiplas formas de interação possíveis, é intervir e dialogar através de uma integração curricular que procura caminhos e/ou respostas para os problemas identificados. A MTP surge como forma de promover propostas educativas de qualidade em EI que permitem o reconhecimento de uma infância onde a criança é sujeito e agente do seu processo educativo, livre e capaz de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito, realizando aprendizagens holísticas a partir das suas experiências e saberes (Lopes da Silva et al., 2016).

Partindo desta visão, e assumindo a MTP também como forma de relacionar saberes académicos com saberes da prática, os estudantes do Mestrado em Educação Pré-Escolar (MEPE) da ESECS-IPL têm a oportunidade de desenvolver projetos com crianças no âmbito das práticas pedagógicas. No presente artigo, descrevem-se e analisam-se oito projetos desenvolvidos nestes contextos seguindo a MTP e, num olhar mais transversal e integrador, reflete-se sobre como esta opção pedagógica nestes contextos de EI impacta a (re)construção de uma visão de infância e de criança autónoma e livre, capaz de expressar as suas ideias e sentimentos, capaz de participar ativamente na sociedade que a integra e em grupos específicos, respeitando-se a si e aos outros e vendo-se como ser único e individual que é.

A MTP e a Educação De Infância

Ir à origem da MTP é (re)visitar os finais do século XIX e inícios do século XX, onde a fórmula inicial de Dewey (1859-1952) – *learning by doing* – foi apropriada pelo seu discípulo e pedagogo Kilpatrick (1871-1965), que, valorizando o “nós aprendemos aquilo que vivemos” (Patrício, 1996, p. 40), conferiu reconhecimento ao método de trabalho de projeto e, assim, à pedagogia ativa centrada na resolução de problemas. Para Kilpatrick (2008), viver seria ir muito para além do fazer alguma coisa, seria valorizar o próprio fazer. Seguindo esta linha de pensamento, e associando esta visão à EI, a MTP também se compreende como uma pedagogia ativa centrada na resolução de problemas que permite o envolvimento das crianças em ações de observação, descoberta e investigação a partir da sua experiência e do meio que as envolve. Katz e Chard (2009) referem que projeto em EI é “um estudo aprofundado de um determinado tema (...) é ser uma investigação, uma parte da pesquisa que leva um grupo de crianças a procurar respostas para as perguntas que elas próprias formularam, sozinhas ou em cooperação com o educador de infância” (p. 3). Neste sentido, os projetos vividos integram o currículo da educação de infância, pois proporcionam um conjunto de

“interações, experiências, atividades, rotinas e acontecimentos planejados e não planejados que ocorrem num ambiente educativo inclusivo, organizado para promover o bem-estar, o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 106).

A MTP, quando assumida e colocada em prática no jardim de infância como uma forma de aprendizagem, permite o desenvolvimento de competências, a autonomia e participação ativa das crianças nas várias fases do projeto (início, desenvolvimento e conclusão) e a liberdade de interação com pessoas, objetos e ambientes diversos. O envolvimento da criança nas suas próprias ações e o atribuir sentido e significado àquilo que vai experienciando resulta do reconhecimento e valorização do saber e experiência que a criança traz consigo, enquanto se ampliam horizontes de conhecimento que possibilitam o desenvolvimento de competências exigidas neste século XXI (Aizenberg & Zadok, 2025). A autonomia, a liberdade e a cidadania têm de ser uma experiência vivida e sentida pelas crianças num microcontexto desta sociedade complexa de que fazemos parte. A liberdade de escolha face à construção de um plano de trabalho a desenvolver, o envolvimento em assuntos de interesse individual e coletivo e o acolhimento das motivações e dos interesses dos sujeitos, enredados numa mesma problemática, assumem total relevância na aprendizagem e favorecem o sentimento de segurança, de confiança e de pertença dos sujeitos durante a jornada de descoberta de si, do outro e do mundo (Patrício, 1996). Retomando as ideias de Kilpatrick (2008), também ele refere que tem de haver, efetivamente, um lugar nos ambientes e contextos educativos para a operacionalização da ideia de projeto, projeto entendido como algo que impulsiona, que é “lançado para a frente” (Kilpatrick, 2008, p. 13) e que está inteiramente comprometido com a vida do sujeito que o experiencia. A sua visão pedagógica é esclarecedora quanto ao valor que os projetos conferem aos sujeitos que os habitam, principalmente se foram crianças os seus protagonistas. Por intermédio de projetos comunicam-se propósitos, ou seja, expressam-se ideias e vontades, corporizam-se planos, vivem-se experiências, problematiza-se e amplia-se o saber, (re)constrói-se conhecimento.

As fases e características do trabalho de projeto na Educação de Infância

A MTP (também denominada internacionalmente por aprendizagem baseada em projetos) tem sido amplamente aplicada na EI em vários continentes como a Ásia, a América, a Oceânia e a Europa, enriquecendo as experiências de aprendizagem das crianças dos 3 aos 6 anos de idade e promovendo a sua alfabetização científica (Eliza et al., 2025). Em contexto português, e segundo o Ministério da Educação (1997), a MTP desenvolve-se em torno de quatro fases que, podendo ser sequenciais, se entrecruzam e se redefinem de forma sistémica, numa espécie de espiral geradora de conhecimento, dinamismo e descoberta. Na fase I, formula-se o problema

ou as questões a investigar e partilham-se os saberes que já se possuem sobre o assunto. Na fase II, elabora-se uma previsão do(s) possível(eis) desenvolvimento(s) do projeto em função de metas específicas e desenham-se mapas conceptuais, teias ou redes como linhas de pesquisa. Na fase III, parte-se para o processo de pesquisa através de experiências diretas, aprofunda-se a informação obtida, utilizam-se diferentes linguagens gráficas, avaliam-se processos. Na fase IV, socializa-se o saber, tornando-o útil aos outros (crianças, famílias, comunidade...).

Projetos vividos na Educação de Infância

A análise documental qualitativa e descritiva, apresentada no presente artigo, debruça-se sobre oito projetos desenvolvidos na prática pedagógica de EI, identificados nos relatórios, pelos respetivos autores, como desenvolvidos seguindo a MTP e as fases identificadas anteriormente.

O acesso aos oito projetos resultou da consulta do repositório institucional de informação científica do IPL que, tendo como critério prévio de pesquisa a data de depósito correspondente ao ano letivo 2022/2023 (setembro de 2022 a julho de 2023), permitiu identificar a submissão de um total de onze relatórios de prática de ensino supervisionada (PES) dos estudantes do MEPE da ESECS-IPL. Dos onze relatórios de PES, sete permitem o livre acesso ao texto através do repositório e nos sete relatórios de PES analisados foram, então, identificados oito projetos desenvolvidos com crianças dos 3 aos 6 anos de idade seguindo a MTP. O objeto de análise consistiu, então, nestes oito projetos identificados.

Os projetos, como já referido, encontram-se descritos nos relatórios de PES, sendo estes documentos produzidos em contexto institucional pelos estudantes de mestrado e com acesso livre a qualquer investigador através do repositório. Os relatórios de PES visam, por um lado, a socialização do conhecimento adquirido ao longo do mestrado e, por outro, a obtenção do grau académico de mestre em Educação Pré-Escolar (EPE).

Os relatórios de PES analisados organizam-se respeitando as práticas pedagógicas integradas no plano curricular do MEPE que, à data de consulta dos relatórios (fevereiro e março de 2024), tinha a duração de três semestres e integrava uma prática pedagógica em cada semestre (Prática Pedagógica em Educação de Infância – Creche no primeiro semestre; Prática Pedagógica em Educação de Infância – Jardim de Infância I no segundo semestre; e Prática Pedagógica em Educação de Infância – Jardim de Infância II no terceiro semestre).

Os oito projetos desenvolvidos e em análise são apresentados começando por uma breve caracterização do contexto onde ocorreram, seguida de uma descrição do que foi feito no início do projeto e durante o seu

desenvolvimento.

Projeto “As Abelhas” (P1)

O projeto sobre as abelhas foi desenvolvido com um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, numa instituição pertencente à rede privada da EPE.

O projeto iniciou-se após uma criança do grupo encontrar uma abelha sem vida no espaço exterior do jardim de infância e trazer para dentro da sala de atividades para observar. A observação da abelha gerou um diálogo em torno das seguintes questões: o que já sabemos sobre abelhas e o que queremos saber. As respostas das crianças a estas questões iniciais orientaram o trabalho desenvolvido durante o projeto (tabela 1).

Tabela 1 - Registo sobre o projeto “As abelhas” (fonte: adaptado de A. M. P. Santos, 2022).

Projeto “As Abelhas”		
O que sabemos?	O que queremos saber?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none">- Fazem mel;- Tiram o pólen das flores;- Têm riscas amarelas e pretas e têm um ferrão para picar;- Se não lhes fizermos mal elas também não fazem mal;- Existem senhores que colocam o mel em frascos.	<ul style="list-style-type: none">- Como é que as abelhas fazem o mel?- Como é que elas tiram o pólen das flores?- Como é o corpo da abelha? Porque é que as abelhas têm riscas amarelas? Porque é que têm um rabinho que pica? Porque é que têm asas e voam alto?- Onde é que as abelhas nascem? Onde é a sua casa?- Que tipos de abelhas existem?	<ul style="list-style-type: none">- Procura de informação em livros e na internet sobre o corpo da abelha;- Desenho de uma abelha e identificação das partes constituintes do corpo;- Construção de um cartaz com os tipos de abelhas e suas funções;- Conversa com um apicultor;- Criação de uma dramatização sobre a profissão de apicultor, a produção e a venda de mel;- Partilha de fotografias e filmes realizados em torno das descobertas das crianças com as famílias.

Projeto “O Rei D. Dinis” (P2)

O projeto sobre o rei D. Dinis foi desenvolvido com um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos, numa instituição da rede pública da EPE.

O projeto iniciou-se após uma criança, numa conversa de grande grupo,

partilhar a sua visita ao castelo de Leiria e ter referido que tinha visto o trono do rei D. Dinis. A partilha inicial deu origem a uma troca de ideias sobre o que as crianças já sabiam sobre o rei em questão e a uma procura sobre se esses saberes seriam reais (teriam acontecido mesmo) ou imaginários, assim como sobre outros conhecimentos da vida do rei. A tabela 2 resume as experiências vividas pelas crianças no desenrolar do projeto.

Tabela 2 - Registo sobre o projeto “Quem foi o rei D.Dinis?” (fonte: adaptado de Sobreiro, 2022).

Projeto “Quem foi o rei D. Dinis?”		
O que sabemos?	Do que sabemos, o que será verdadeiro e terá acontecido mesmo? O que queremos saber mais?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none"> - O rei morou no castelo de Leiria; - Plantou pinheiros para proteger os pescadores; - Matou um urso; - O rei tinha muito dinheiro em arcas do tesouro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como matou o urso? - Onde plantou os pinheiros? - Como morreu o rei? - Era casado? - Tinha uma espada? - Tinha uma coroa com joias? - Tinha um fato de rei? 	<ul style="list-style-type: none"> - Procura de informação em li - Procura de informação no computador ou telemóvel, na televisão e em livros com a ajuda dos pais, avós, tios, irmãos e/ou primos; - Visualização de imagens/fotografias do rei D. Dinis e vídeos sobre a vida do rei; - Construção de coroas; - Construção de castelos de areia e de cartão; - Plantação de um pinheiro no espaço exterior da instituição; - Criação de uma dramatização sobre a vida das pessoas no castelo no tempo do rei; - Partilha de fotografias e e de um vídeo com as famílias sobre o que se fez no projeto.

Projeto “McDonald’s” (P3)

O projeto sobre o McDonald’s foi desenvolvido com um grupo de 20 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, numa instituição da rede pública da EPE.

O projeto iniciou-se numa conversa de grande grupo quando um adulto desafia as crianças a pensarem o que gostariam de ter de diferente na sala de atividades. Das várias sugestões/ideias apresentadas pelas crianças, foi realizada uma votação tendo ficado decidido realizar um McDonalds. Posteriormente, o grupo de crianças foi tomando decisões sobre como

iriam construir o seu McDonald's na sala a partir do que já sabiam sobre esta empresa e o que procuravam saber (tabela 3).

Tabela 3 - Registo sobre o projeto "McDonald's" (fonte: adaptado de Mira, 2022).

Projeto "McDonald's"			
O que sabemos?	O que gostávamos de saber mais sobre o McDonalds?	- Como vamos construir e que materiais vamos precisar?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none"> - Tem comida: batatas fritas, hambúrgueres, ketchup, maionese, café, saladas, gelados, nuggets, bebidas; - Tem uma máquina para escolher a comida; - Tem casinhas para pedir a comida; - Podemos encomendar comida pelo telefone; - Os senhores têm uma placa com os nomes; - Tem tabuleiros; - Tem uma ementa; - Tem brinquedos; - Tem tablets nas mesas para os meninos jogarem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como se chamam os senhores que trabalham lá? - Como é que eles fazem o comer? E como fazem as caixas/embalagens do comer? - Quem é o dono? E onde nasceu? 	<ul style="list-style-type: none"> - Podemos pedir ao senhor para construir o nosso McDonald's; - Cadeiras e mesas; - Espátula para os hambúrgueres; - Porta e janelas em cartolina; - Comida em cartolina; - Cola quente e fita cola; - Marca do McDonald's. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenhos com o projeto /planeamento do McDonald's a construir; - Construção de alimentos com cartolina; - Construção da estrutura da loja em cartão; - Visita da diretora de marketing e de uma funcionária do McDonald's; - Partilha de informações, trabalhos e fotografias com as famílias.

Projeto "Os dinossauros" (P4)

O projeto sobre os dinossauros foi desenvolvido com um grupo de 24 crianças com 3 e 4 anos de idade, numa instituição da rede privada da EPE.

O projeto iniciou-se a partir do interesse demonstrado por uma criança sobre dinossauros (com frequência levava brinquedos de dinossauros para a sala de atividades, fingia ser um dinossauro e conversava sobre as características dos vários dinossauros). As brincadeiras e conversas sobre dinossauros foram contando com a participação de várias crianças, estendendo-se, assim, o interesse a todo o grupo. Assim, numa fase inicial do projeto questionaram-se as crianças sobre o que já sabiam sobre

dinossauros e o que queriam saber mais e como podiam descobrir. A tabela 4 resume as experiências vividas pelas crianças no desenrolar do projeto.

Tabela 4 - Registo sobre o projeto “Os dinossauros” (fonte: adaptado de Henriques, 2023).

Projeto “Os dinossauros”		
O que sabemos?	O que queremos saber?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none"> - Alguns nomes de dinossauros; - Viveram há muitos anos no planeta Terra. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que comem os dinossauros? - Os dinossauros viviam todos na Terra? - Quem estuda os dinossauros? - Qual é o maior dinossauro? E o mais pequeno? E o mais rápido? - Todos os dinossauros têm garras? E têm espinhos? - Porque deixaram de existir? - Como nascem os dinossauros? Existem dinossauros meninos e meninas? 	<ul style="list-style-type: none"> - Procura de informação no computador ou telemóvel, na televisão e em livros com a ajuda dos pais e avós; - Imitação do comportamento dos dinossauros; - Construção de dinossauros e de uma gruta de dinossauros com as famílias; - Pintura dos possíveis habitats dos dinossauros e suas características; - Criação de uma canção sobre dinossauros; - Comparação do tamanho dos dinossauros com o ser humano; - Visualização de vídeos sobre dinossauros; - Visita ao Dino Parque na Lourinhã (Portugal); - Realização de outras atividades lúdicas sobre dinossauros (jogos, conto de histórias...); - Construção de um livro sobre o projeto; - Construção de uma exposição sobre o projeto aberta à comunidade.

Projeto “O grilo Gri-Gri inventor” (P5)

O projeto sobre os grilos foi desenvolvido com um grupo de 23 crianças entre os 4 e os 5 anos de idade, numa instituição da rede privada da EPE.

O projeto iniciou-se quando o adulto leva um grilo dentro de uma gaiola para a sala de atividades. Após a observação e identificação do animal, as crianças conversaram sobre o que já sabiam sobre grilos e colocaram perguntas. As atividades e experiências decorridas ao longo do projeto apresentam-se na tabela seguinte (tabela 5).

Tabela 5 - Registo sobre o projeto “O grilo gri-gri inventor” (fonte: adaptado de F. A. A. Santos, 2022).

Projeto “O grilo gri-gri inventor”		
O que sabemos?	O que queremos saber?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none"> - Os grilos têm de ir para as gaiolas quando são apanhados; - Quando os grilos têm frio procuram uma toca para se esconder; - Temos de dar alface ao grilo. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que comem? - Onde vivem? - Como nascem? - Como dormem? - Saltam? Saltam para cima das pedras? Como? Têm pés? - Voam? Porquê? Têm asas? - Nadam? - Cantam? Como? Quando cantam? 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e desenho/pintura do grilo; - Imitação do comportamento (saltos) dos grilos, fazendo de conta; - Escuta de histórias infantis onde há grilos como personagens; - Pesquisa de informação sobre grilos em livros e no computador/internet; - Realização de jogos lúdicos a partir da informação recolhida sobre grilos. - Conversas sobre o que iam aprendendo ao longo do projeto; - Partilha de vídeos sobre o projeto com outros grupos de crianças da mesma instituição.

Projeto “Como construímos um filme?” (P6)

O projeto “Como construímos um filme?” foi desenvolvido com um grupo de 25 crianças entre os 4 e os 6 anos de idade, numa instituição da rede pública da EPE.

O projeto iniciou-se a partir da intenção de um grupo de crianças em fazer um filme após uma brincadeira de faz de conta onde as crianças fingiam fazer um filme, definindo quem eram as personagens e alguns acontecimentos. “Como construímos um filme?” foi a dúvida que deu, então, origem ao projeto. A partir da questão levantada, também se registou, nesta fase inicial, o que as crianças já sabiam sobre filmes. A tabela 6 resume as principais experiências vividas durante o projeto.

Tabela 6 - Registo sobre o projeto “Como construímos um filme?” (fonte: adaptado de Marques, 2022).

Projeto “Como construímos um filme?”	
O que já sabemos?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none"> - Os filmes têm personagens, uma ação, um espaço e um tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa de informação na internet, em livros e perguntando às famílias; - Conversa com um pai cineasta; - Definição das personagens e dos principais acontecimentos do filme a produzir; - Construção do roteiro do filme (incluindo uma música e dança); - Tradução da fala das personagens em diversas línguas; - Construção de cenários e adereços; - Gravação do filme; - Estreia e visualização do filme com as famílias; - Construção de um artigo para publicar no jornal da região.

Projeto “Como vamos fazer um teatro de sombras?” (P7)

O projeto sobre a construção de um teatro de sombras foi desenvolvido com um grupo de 25 crianças entre os 4 e os 6 anos de idade, numa instituição da rede pública da EPE.

O projeto iniciou-se a partir da visualização de um teatro de sombras sobre animais no Jardim Zoológico, despertando a curiosidade do grupo de crianças sobre o que é necessário e como se faz um teatro de sombras. A partir desta curiosidade, as crianças partilharam o que já sabiam sobre o teatro de sombras tendo em conta a experiência vivida no Jardim Zoológico e o que seria necessário fazer para concretizar a ideia do grupo. A tabela 7 resume as principais experiências vividas durante o projeto.

Tabela 7 - Registo sobre o projeto “Como vamos fazer um teatro de sombras?” (fonte: adaptado de Marques, 2022).

Projeto Como vamos fazer um teatro de sombras?”	
O que já sabemos?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none"> - É preciso luz e escuro; - Há fantoches que abrem a boca; - Podemos usar as nossas mãos e o resto do corpo; - Tem de haver personagens e um cartão recortado com um pau; - É preciso um palco e um cenário; - Tem de haver artistas e público; - É preciso uma história; - É preciso muita atenção e esforço. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa de informação na internet e em livros; - Conversa com um contador de histórias (conhecido do grupo); - Construção da história (incluindo uma música); - Tradução do título da história em Língua Gestual Portuguesa (por uma professora conhecida do grupo); - Construção de cenários a partir dos desenhos das crianças e respetiva digitalização; - Construção de fantoches em cartolina; - Reorganização da sala (cadeiras para o público, lençol na sala); - Construção de um cartaz e convites para divulgação e estreia do teatro; - Apresentação do teatro às crianças das outras salas da instituição

Projeto “Como é que são as escolas do 1.º ciclo do ensino básico?” (P8)

O projeto sobre como são e funcionam as escolas do 1.º ciclo do ensino básico foi desenvolvido com um grupo de 17 crianças com 5 e 6 anos de idade, numa instituição da rede privada da EPE.

O projeto partiu do interesse do grupo de crianças sobre as escolas do 1.º ciclo do ensino básico que iriam frequentar no ano letivo seguinte, uma vez que se questionavam sobre para que escola iriam e como seria essa escola. Neste seguimento, procedeu-se ao registo do que as crianças já sabiam sobre as escolas do 1.º ciclo do ensino básico e definiram-se formas possíveis de obter mais informação. As atividades e experiências vividas ao longo do projeto apresentam-se na tabela seguinte (tabela 8).

Tabela 8 - Registo sobre o projeto “Como é que são as escolas do 1.º ciclo do ensino básico?” (fonte: adaptado de Soares, 2022).

Projeto “Como é que são as escolas do 1.º ciclo do ensino básico?”	
O que já sabemos?	Atividades desenvolvidas durante o projeto
<ul style="list-style-type: none">- Há intervalo;- Há campanha dentro da sala;- Vamos estar a trabalhar e depois temos recreio;- Vamos aprender coisas novas;- Existe um espaço para pintar e fazer desenhos.	<ul style="list-style-type: none">- Troca de cartas com duas escolas do 1.º ciclo do ensino básico (uma da rede privada e outra da rede pública);- Observação do exterior de uma escola do 1.º ciclo do ensino básico;- Visualização de fotografias e vídeos das escolas do 1.º ciclo para onde as crianças do grupo iriam transitar no ano letivo seguinte;- Construção de uma sala de aula num espaço da sala de atividades;- Construção de um vídeo com as descobertas realizadas sobre as escolas do 1.º ciclo e partilha do mesmo com as famílias e a comunidade educativa da instituição.

Reflexão sobre os projetos e a MTP na autonomia e liberdade da Criança

Todos os projetos apresentados foram implementados no contexto de jardim de infância, com grupos de crianças de idades diferentes (entre os 3 e os 6 anos), tendo sido cinco projetos implementados na rede do sistema privado e três no sistema público.

Um dos aspetos que é importante analisar nos projetos implementados face à visão de criança competente com liberdade de (re)construir o próprio currículo e experiências de aprendizagem é a forma como estes surgiram nos contextos educativos apresentados. Questiona-se: os projetos surgiram da iniciativa da criança e da sua vivência ou surgiram da iniciativa do adulto? Quatro projetos surgiram da capacidade de observação e da curiosidade de uma ou mais crianças do grupo sobre algo (por exemplo, uma criança observar uma abelha sem vida enquanto brincava no espaço exterior do jardim de infância – P1 ou brincar e conversar muitas vezes com os pares sobre os dinossauros – P4). A forma como é narrado o ponto de partida destes quatro projetos parece apontar para uma prática pedagógica que garante à criança o poder de decisão sobre o seu processo educativo, a escolha sobre as experiências de aprendizagem que quer viver e que

resultam dos interesses demonstrados. Parece haver, por parte do adulto, confiança na sua capacidade de orientar a aprendizagem das crianças, sem, com isso, tomar decisões por elas. Os outros quatro projetos parecem ter surgido da iniciativa do adulto que inicia uma conversa ou ação pensada para dar origem a um projeto (por exemplo, levar um grilo para dentro da sala para suscitar a curiosidade das crianças sobre o animal – P5 ou perguntar o que gostavam de ter diferente no jardim de infância que ainda não tivessem – P3). O que não fica claro em alguns deles, na forma como o ponto de partida destes projetos é narrado nos relatórios, é se a iniciativa do adulto parte realmente de algo observado nas crianças ou unicamente do seu interesse. Por exemplo, no projeto sobre os grilos (P5) fica a questão sobre se já havia interesse das crianças sobre os grilos quando o adulto decide, por si só, levar um grilo para a sala ou se esta iniciativa surge às crianças descontextualizada. Assim como no projeto sobre o McDonald's (P3) que, surgindo de uma questão abstrata colocada às crianças – o que gostariam de ter diferente na sala que ainda não tivessem – fica a interrogação reflexiva se surgiu porque o adulto queria desenvolver a MTP com as crianças (por interesse seu, para sua aprendizagem na prática pedagógica), mas não sabia como a despoletar a partir de um interesse mais concreto das crianças, ou se surgiu realmente desta intenção de dar liberdade total às crianças num contexto de interação em grande grupo, para que, partindo de uma consciência de autonomia e liberdade individual que leva a uma maior diversidade de ideias, fossem tomadas decisões em grupo, em comunidade. Desta análise, constata-se, então, que podem ser variadas as situações que dão origem aos projetos vividos com as crianças. Como referem Gâmbôa (2011) e Vasconcelos et al. (2011), um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento de projetos é o interesse real ou potencial das crianças sobre algo. Uma vez podem nascer projetos diretamente da ação da(s) criança(s) ou de algo que ela(s) comunica(m), outras vezes surge da parte do/a educador/a com base nos interesses demonstrados pelas crianças em situações observadas. Contudo, a ação educativa baseada na MTP precisa ser clara na sua intencionalidade, dando verdadeira autonomia e liberdade às crianças e não ser mascarada por projetos de aprendizagem impostos pelo adulto/educador.

Esclarecendo-se a situação que deu origem aos projetos implementados, seguiu-se, nos oito projetos analisados, uma apresentação dos saberes que cada grupo de crianças tinha sobre o problema identificado (a partir da questão “o que já sabemos?” ou da frase “eu sei que...” – ver tabelas de 1 a 8). A informação recolhida permite verificar que, em todos os projetos, as crianças já tinham conhecimentos e saberes sobre os problemas levantados, o que reforça, como nos diz Oswell (2021), a importância de articular as vozes das crianças com as suas experiências e percepções e também com as experiências e percepções do adulto. E partindo do que já sabiam, as crianças formularam perguntas sobre o que queriam saber mais

e definiram caminhos para procurarem as respostas e/ou a informação que procuravam. Nestes passos, parece-se reconhecer a criança como um indivíduo livre, capaz de traçar caminhos no seu processo educativo, um ser competente e com papel ativo, onde a ação educativa do adulto se centra na escuta e na organização de um ambiente educativo que, tendo por base a MTP, promove a participação da criança e a tomada de decisão naquilo que lhe diz respeito (Lopes da Silva et al., 2016). O excerto seguinte apresentado num dos relatórios ilustra também esta aprendizagem do adulto:

“(...) com este projeto, aprendi a confiar mais nas crianças e na sua capacidade de resolver problemas” (Marques, 2022, p. 71).

Neste sentido, na narrativa dos oito projetos apresentados faz-se referência a várias atividades desenvolvidas com e/ou pelas crianças. Independentemente do problema que deu origem ao projeto, é dada às crianças a oportunidade de desenvolverem competências e (re) construir conhecimentos de forma articulada tendo por base as várias áreas de desenvolvimento e aprendizagem e os saberes já adquiridos em experiências anteriores. São diversos os materiais mencionados e as oportunidades de escolha do como fazer, com quem e/ou com quem. Dá-se, assim, lugar ao que parece ser uma consciência coletiva (presente nos oito projetos) da importância do desenvolvimento de um trabalho curricular integrador no jardim de infância que parte de um problema identificado e da curiosidade e capacidade das crianças de interrogarem o mundo, o seu mundo. Um trabalho curricular que se desenvolve em torno de projetos de aprendizagem que compreendem a família e a comunidade como parceiros capazes de, também eles, contribuir para a construção desse currículo (pois também são envolvidos nas atividades desenvolvidas em cada projeto). O questionamento junto de familiares sobre o problema identificado surge em seis dos projetos implementados (P2, P4, P5, P6, P7, P8) e o recurso a especialistas que conhecem o assunto a tratar e/ou a visita a locais da comunidade para saber mais sobre o assunto é referido em cinco dos oito projetos, do qual é exemplo o excerto seguinte:

“Inicialmente estava planeado pesquisar sobre “o senhor que cuida das abelhas”, o apicultor, mas a MR conhecia um apicultor de verdade e convidou-o para vir falar com o grupo. (...) Nesse dia, em grupo, criámos algumas perguntas para fazer ao senhor Amílcar: sobre o seu fato, sobre as suas abelhas, sobre tudo o que as crianças tivessem interesse em saber. (...) [Esse momento] tornou as aprendizagens muito mais significativas, e decerto que [as crianças] se irão recordar daquele momento durante muito tempo (A. M. P. Santos, 2022, p. 23).

Trabalha-se, assim, a educação para a cidadania e a liberdade de associação no direito de reunião das pessoas de forma colaborativa, tomando-se iniciativas, assumindo-se responsabilidades, partilhando-se ideias e confrontando-as com as dos outros, intervindo e projetando uma qualidade educativa para todos num ambiente o mais amplo, integrador e menos restrito possível (Lopes da Silva et al., 2016). Em alguns projetos

apresentados parece evidente, como aprendizagem, que a MTP faz mais sentido quando é vivida e conduzida pela iniciativa e autonomia das crianças, assumindo o adulto/educador o papel de acompanhar e orientar o desenvolvimento do projeto. O excerto seguinte de um dos relatórios analisados reforça esta ideia:

“(...) foram as crianças que deram as ideias para o tema, propuseram as experiências, demonstrando sempre iniciativa para participar e estarem envolvidas em todos os momentos. Foi visível que quanto mais participativas e envolvidas estivessem em todos os passos do projeto, mais se observava uma maior motivação das crianças para dar continuidade ao mesmo. (...) Sem a participação das crianças na organização e planeamento das experiências vivenciadas no contexto educativo, acredito que não teria surgido um projeto tão rico em explorações e aquisição de conhecimentos.” (Sobreiro, 2022, p. 47).

Quanto às formas adotadas nos projetos apresentados para as reflexões e conclusões finais (última fase da MTP), constata-se que foram utilizadas várias estratégias, nomeadamente a partilha dos registos construídos durante o projeto (quer nos placards das salas de atividades, quer nas redes sociais e/ou plataformas digitais) e a socialização do conhecimento construído ao longo do projeto (através da realização de vídeos/filmes, peças de teatro/dramatizações, notícias e/ou exposições). A divulgação dos vários projetos ocorreu junto das famílias e/ou de outros grupos de crianças das instituições e/ou outros intervenientes educativos, reforçando uma vez mais o direito da criança à liberdade de associação e reunião (Rosemberg & Mariano, 2010).

Conclusão

A MTP constitui-se um desafio na EI onde as crianças podem viver oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que permitem o desenvolvimento da autonomia, da tomada de decisão e resolução de problemas, da liberdade de expressão, pensamento e associação. Os oito projetos aqui apresentados e analisados parecem remeter para esta dimensão, mas, por outro lado, também chamam à consciência a importância de tornar esta intencionalidade clara na ação educativa e não mascará-la com intenções de adulto/educador mais estruturadas, com atividades mais fechadas onde a criança executa e assume um papel mais passivo e o adulto um papel de transmissão de conhecimento. A MTP parece ser, assim, na EI, uma opção pedagógica que incentiva a constante reflexão sobre a imagem de criança e a autonomia e liberdade que esta tem (ou não) no seu projeto de vida e de aprendizagem. Numa comunidade cada vez mais complexa, marcada por velhas e (ainda) novas conceções de infância, marcada por uma velha e nova experiência de liberdade, a MTP assume-se como contribuindo para esta (tão) desejada (trans)formação educacional e social que impacta a qualidade da educação.

Referências Bibliográficas

Aizenber, M., & Zadok, Y. (2025). Project-based learning in kindergartens. *Journal of Early Childhood Research*, 23(2), 124 – 136. <https://doi.org/10.1177/1476718X241310059>

Eliza, D., Mulyeni, T., Yulsyofriend, Mahyuddin, N., Erita, Y., & Dhanil, M. (2025). Implementation of project-based learning in improving scientific literacy in early childhood education: Systematic literature review. *Journal of Baltic Science Education*, 24(1), 71 – 91. <https://doi.org/10.33225/jbse/25.24.71>

Gâmbua, R. (2011). Pedagogia-em-participação: Trabalho de projeto. In J. Oliveira-Formosinho, & R. Gamboa (Orgs.), *O trabalho de projeto na pedagogia-em-participação* (pp. 47-81). Porto Editora.

Henriques, C. M. C. (2023). *Refletindo sobre a prática pedagógica e analisando o uso de materiais não estruturados numa sala de educação pré-escolar em momentos de brincadeira livre* [Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Politécnico de Leiria]. Repositório Institucional do Politécnico de Leiria.

Katz, L. G., & Chard, S. C. (2009). *A abordagem por projetos na educação de infância*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Kilpatrick, W. (2008). *O método de projecto*. Edições Pedagogo.

Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Marques, S. F. (2022). *Ser educadora de infância: Refletindo e investigando as expectativas das crianças acerca da transição para a escolaridade obrigatória* [Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Politécnico de Leiria]. Repositório Institucional do Politécnico de Leiria.

Ministério da Educação (1997). *Qualidade e projeto na educação pré-escolar*. Ministério da Educação.

Mira, C. C. G. (2022). *O brincar e a educação de infância: Refletindo sobre os tipos de brincadeiras realizados na área da casinha em contexto de pandemia* [Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Politécnico de Leiria]. Repositório Institucional do Politécnico de Leiria.

Oswell, D. (2021). Agência das crianças/Children's agency. In C. Tomás,

G. Trevisan, M. J. L. Carvalho, & N. Fernandes (Editoras), *Conceitos-chave em sociologia da infância: Perspetivas globais* (pp. 29-35). UMinho Editora.

Patrício, M. F. (1996). *Anotações didáticas sobre a educação nova*. Universidade de Évora.

Rosemberg, F., & Mariano, C. L. S. (2010). A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. *Cadernos De Pesquisa*, 40(141), 693 – 728.

Santos, A. M. P. (2022). *Refletindo sobre a prática pedagógica e investigando sobre os benefícios do brincar no espaço exterior* [Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Politécnico de Leiria]. Repositório Institucional do Politécnico de Leiria.

Santos, F. A. A. (2022). *A emergência de comportamentos emocionais na brincadeira livre em crianças dos quatro aos cinco anos* [Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Politécnico de Leiria]. Repositório Institucional do Politécnico de Leiria.

Soarez, S. M. (2022). *Refletindo e investigando a prática pedagógica em educação de infância: Processos, aprendizagens e a transição para o 1.º Ciclo do Ensino Básico* [Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Politécnico de Leiria]. Repositório Institucional do Politécnico de Leiria.

Sobreiro, A. C. T. (2022). *Percurso formativo em educação de infância: O contributo da música para o bem-estar emocional das crianças no jardim de infância* [Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, Politécnico de Leiria]. Repositório Institucional do Politécnico de Leiria.

Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., Hortas, M. J., Ramos, M., Ferreira, N., Melo, N., Rodrigues, P. F., Mil-Homens, P., Fernandes, S. R., & Alves, S. (2011). *Trabalho por projetos na educação de infância: Mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Ministério da Educação e Ciência/Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.